

**Do lado bom da barreira: Trajetórias
e estratégias sociais e escolares de
Raymundo Augusto da Silva Maia
(1900-1990)**

Letícia Pereira Sousa*
Écio Antônio Portes**

*Track and strategies of social and educational
Raymundo Augusto da Silva Maia (1900-
1990): The good side of the barrier*

* Graduação em Pedagogia - Universidade Federal de São João del - Rei, UFSJ. Mestranda em Educação na Universidade Federal de São João del - Rei, UFSJ.

** Mestrado e Doutorado em Educação pela UFMG. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei.

RESUMO: O propósito deste trabalho é apresentar os resultados de uma pesquisa empreendida entre março de 2007 e fevereiro de 2008, que se ocupou com as trajetórias sociais e escolares de um jovem itabirano, pertencente aos meios populares. As fontes consultadas se resumem aos arquivos do Departamento de Serviços Gerais da Universidade Federal de Minas Gerais, detidamente os documentos sobre a *Caixa dos Estudantes Pobres Edelweiss Barcellos* e os documentos dos arquivos da Seção de Ensino da Faculdade de Direito. O período estudado diz respeito ao momento de nascimento e de falecimento do investigado. A metodologia utilizada foi aquela atinente à reconstrução das trajetórias e das estratégias sociais e escolares. Os resultados obtidos, a partir dos documentos encontrados, confirmam e contribuem para a compreensão e feitura de um painel, repleto de sentidos, sobre a escolarização de longo curso efetuada por sujeitos das camadas populares.

PALAVRAS-CHAVE: trajetórias, estratégias, trabalho.

ABSTRACT: *The aim of this paper is to show the results of a research made between March 2007 and February 2008, in which a case study was conducted on the social and school trajectory of a working class young man from Itabira, state of Minas Gerais. The sources used were files of the Department of General Services of UFMG, especially the documents on the Poor Students' Files Edelweiss Barcellos and documents from the files of the Students' Register Section of the Law School. The period studied refers to the moments of birth and of death of the individual studied. The methodology used refers to the reconstruction of social and school trajectories and strategies. The results, based on the documents found, confirm and contribute to the comprehension and building of a panel full of meanings, on the long-standing school period of people coming from the working class.*

KEYWORDS: *trajectories, strategies, work.*

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa empreendida entre março de 2007 e fevereiro de 2008, que se ocupou com as trajetórias sociais e escolares de um jovem itabirano, pertencente aos meios populares, que teve acesso ao curso de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG entre os anos de 1933 e 1937. Centrou-se em três momentos distintos, assim descritos: a) identificação dos sujeitos; b) identificação dos familiares; e c) verificação dos destinos escolares. Entretanto, os dados empíricos – de difícil descoberta e acesso – vêm mostrando, como no caso por nós aqui investigado, que nem sempre a associação desses três momentos é possível em todas as trajetórias investigadas. Associar esses três momentos é ainda um enorme desafio para esse tipo de pesquisa.

Os estudos sobre trajetórias escolares de sujeitos provenientes dos meios populares tiveram início no final dos anos de 1980. Eles aparecem em oposição aos estudos fundados nas teorias da reprodução que viam a escola como um aparelho ideológico do estado ou mesmo como uma instância de reprodução das desigualdades sociais. Já nos anos de 1950, Richard Hoggart (1975) mostrava os efeitos perversos de uma escolarização longa para os filhos da classe trabalhadora inglesa, destacadamente, a perda da identidade cultural operária.

As pesquisas que discutem a respeito das trajetórias escolares aparecem naquele momento de fim dos paradigmas e da fragmentação do objeto de estudo da Sociologia da Educação. Aparecem no rastro da construção de novos objetos de estudos que se firmaram a partir de um diálogo com outros campos de saber como a antropologia, a etnografia, a história e mesmo a psicologia social. Trata-se, no caso, de um “retorno do ator”, na expressão do sociólogo francês Alain Tourne (NOGUEIRA, 1995, p.33).

A ampliação desses estudos teve lugar privilegiado na França, principalmente com os trabalhos de Jean-Pierre Terrail (1990), em um primeiro momento. O autor estudou a trajetória de filhos de operários que passaram por uma escolaridade longa, os efeitos dessa escolaridade na vida desses sujeitos e como essas trajetórias se tornaram possíveis no interior de famílias operárias. A esse estudo se associam outros de igual relevância para o fortalecimento e ampliação do campo sociológico que cuida do sucesso (e do fracasso) de estudantes provenientes das camadas populares levados a cabo por Jean Manuel

De Queiroz (1981), Zaihia Zeroulou (1988), Jean-Paul Laurens (1992), e, mais recentemente, por Bernard Lahire (1997; 2002).

No Brasil esses estudos começaram nos anos de 1990 com os estudos de Portes (1993; 1998; 2001), ao estudar as trajetórias e as estratégias escolares de sujeitos provenientes das camadas populares que tiveram acesso a todos os cursos da UFMG. Estes se aprofundam, no final dos anos de 1990, com os estudos de Maria José Braga Viana (1998; 2001), Jailson de Souza e Silva (1999), Wânia Maria Guimarães Lacerda (2006), Débora Cristina Piotto (2007) e Nadir Zago (2007), entre outros.

No caso brasileiro os estudos sobre trajetórias escolares não ficaram restritos às camadas populares. Eles se sofisticaram e avançaram para compreensão dos processos que permitem a construção de trajetórias escolares de sujeitos provenientes das classes médias, de suas frações mais intelectualizadas e portadoras de forte capital cultural, como mostra Nogueira (2001); de frações menos privilegiadas (econômico e culturalmente) das classes médias, como mostra Romanelli (2001); ou mesmo de frações das elites econômicas, como mostram Almeida (1999) e Nogueira (2002).

Neste trabalho, investimos em uma dimensão pouco explorada por aqueles que estudam as trajetórias escolares em suas mais variadas dimensões: a dimensão histórica. Mas esta, não no sentido criticado por Norbert Elias (2001), de um procedimento histórico perdido no relativismo, em que a liberdade do indivíduo é fundadora de todas as suas ações e decisões; mas sim, uma dimensão histórica em que é possível analisar os fenômenos sociais a partir das relações de interdependência. Dessa forma, Veiga (2005) afirma que a interpretação da singularidade de um acontecimento, objeto da historiografia, demanda investigação e análise da figuração social dos indivíduos, suas relações e redes de interdependência, de modo a permitir a compreensão de sua existência singular e a dinâmica de mudanças e rupturas. Nesse sentido é que Portes e Cruz (2007) reconstroem a trajetória de um “pardo”, como era denominado à época, de nome José Rubino de Oliveira, professor da Academia Jurídica Paulista no século XIX. Dentre outras conclusões, eles mostram que:

a trajetória de Rubino serve ainda para mostrar qual o efeito de irradiação que uma trajetória como a dele teria na sua família. Embora não saibamos ainda qual foi o destino social da família de Rubino, podemos afirmar

com certeza, que o fato de ele ter concluído um curso superior refletiu imediatamente na escolaridade de seu filho José Rubino de Oliveira Jr., que, de acordo com os registros dos arquivos da Faculdade de Direito de São Paulo, deu entrada no Curso de Direito com a idade de 17 anos, em 1891. (PORTES; CRUZ, 2007, p.166).

Seu pai, ao contrário, alfabetizado tardiamente, só conseguiu dar entrada no curso jurídico da referida Academia quando tinha 27 anos, o que revela todo um sacrifício voltado para o trabalho – primeiro para conseguir fazer frente às necessidades materiais e sociais; depois, para poder se dedicar nos estudos de Direito e nas dimensões simbólicas. Este trabalho propiciou a construção da hipótese que orientou a pesquisa realizada: qual é o efeito de um processo de escolarização longo, visto aqui na consecução de um curso superior, vivido por sujeitos provenientes de meios populares (ou pobres) e os efeitos de irradiação desse processo nas descendências desse sujeito?

A construção dessa hipótese se deveu ao fato de termos tido acesso a uma documentação inédita de um sujeito caracteristicamente pobre, estudante de Direito da Universidade de Minas Gerais (atual UFMG), que entrou neste curso em 1933. Trata-se de um longo e detalhado questionário de sete páginas, preenchido em 15 de fevereiro de 1934, para a Caixa do Estudante Pobre “Edelweiss Barcellos”, pertencente aos acervos da UFMG, no Departamento de Serviços Gerais. A esse documento se associaram outros documentos contidos no Envelope 2166 – Raymundo Augusto da Silva Maia –, da Seção de Ensino da Faculdade de Direito da UFMG, que contém certidões de exames referentes aos anos de 1926 a 1929, do Colégio Sul Americano de Itabira – este, a partir de 1928, passou a se chamar Ginásio Municipal Sul Americano – além de requerimentos, recibos de pagamento de taxas acadêmicas, atestados, certificado de exame vestibular, resultados de exames acadêmicos e termo de colação de grau¹. Consultamos, ainda, sem proveito, o Arquivo Público Mineiro, o Diário Oficial de Minas Gerais, os arquivos do Serviço Pessoal da Polícia Civil do Estado de Minas Gerais² e com algum sucesso consultas (não nos foi permitido verificar os arquivos) ao Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais (IPSEMG), aos arquivos dos Jornais “Estado de Minas” e “Diário da Tarde” e à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção de Minas Gerais.

O sujeito que emerge dessa amálgama de dados é Raymundo Augusto

da Silva Maia, filho do lavrador Romão Maia da Silva e de dona Thereza Augusta da Silva Maia. Raymundo nasceu em Itabira entre 1898 e 1905 – já que as informações adquiridas e os documentos produzidos de próprio punho pelo investigado não permitem precisar a data³. Órfão de pai e mãe, arrimo de família (cuidava de uma irmã mais nova), tinha ainda dois irmãos: um operário trabalhando na construção em Nova Lima e o outro “colocado nas Finanças no cargo de Servente”⁴. Por sua vez, Raymundo se declara “Servente” na Chefia de Polícia, desde 1931, recebendo um salário da ordem de 220 mil reis. Ele foi auxiliado em diversas circunstâncias pela Caixa do Estudante Pobre “Edelweiss Barcellos”.

No processo de *Sindicância* analisado, Raymundo⁵ afirma: “desejo matricular-me no 2º ano de Direito na Faculdade de Direito da UMG, e não disponho neste momento de recurso necessário, recorro a benemérita ‘Caixa do E. Pobre’ para me auxiliar com o empréstimo da 1a. prestação, de matrículas de que ficarei muitíssimo grato”. Em sua justificativa, Raymundo dá a conhecer os seguintes fatos, que completam a sua história:

Nasci em Itabira de Matto Dentro de humilde lavrador conforme já disse linhas atrás. Cursei o Grupo Escolar⁶ de 1911-1914, tirando as melhores notas de aplicação e aproveitamento. Em fins de 1914 recebendo o diploma, com a inclinação de uma vida mais illuminada continuei a me esforçar. Mas extrema pobreza de recursos com que papai lutava era tal, que julguei varias vezes impossivel. E assim, observando-me, filho de um operario, julgava não poderia passar além. Diante desta situação, e encarando assim a vida, procurei ver se era possível mudar a direção. Experimentei então varios officios modestos como alfaiate, selleiro, sapateiro, cangalheiro, padeiro, fui até vendedor de jornais revistas e várias miudezas.

E assim levei nove annos de aventura na luta pela vida e não achando em quasi nenhum destes campos um ponto de apoio seguro c/ que eu pudesse garantir a felicidade da família, até que em 20-1-923 o Sr. Ilmo. Trajano Procópio de Alvarenga Monteiro, fundando o seu Modelar Educandario, o “Ginásio Sul-Americano”, tive a fortuna de ser chamado pelo Sr. seu irmão, Raul de Alvarenga para copeirar. Logo que tive noticia da fundação, comeci a tecer as minhas demarches para me colocar no mais simples logar afim de poder começar a estudar.

As minhas demarches, porém, de nada valeram; pois me dirigi a pessôas

que nenhuma relação tinham com o fundador, mas estando a Terra Prometida, já era eu o candidato da preferência do Sr. Raul de Alvarenga, que encarregado de arranjar pessoal, me chamou de livre arbítrio para copeiro e faxineiro. Começada a matrícula daquele ano, em bôa ocasião, apresentando-me a este Nobre Educador, o Sr. Trajano Procópio, fazendo um apelo a sua grande generosidade afim de aproveitando todas as horas vagas que me sobrassem para fazer alguns cursos, o Sr. Trajano, como qualquer de vós podereis perguntar-lhe me cedeu a matrícula nos do seu collegio como se eu fosse aquele filho prodigo que lhe aparecia naquele instante. Teve ele tão bôa vontade para comigo como teve papai na minha criação.⁷

Essa narrativa é uma história típica dos estudantes pobres que frequentaram cursos superiores no início do século XX, possibilidade que se efetiva diante de uma expansão do ensino superior, mesmo lenta, mas visível, com relação a pouca oferta estabelecida pelas quatro academias de Direito e Medicina do Império, no século XIX.

No nosso caso, reconstruir a trajetória de Raymundo torna-se mais instigante pelo fato de nos depararmos com um conjunto de questionários *Sindicância*, que nos possibilita ter acesso a dados construídos pelos sujeitos em uma situação peculiar de solicitação de assistência e ajuda social. Dados que eram checados por um sindicante junto aos informantes indicados pelo necessitado dos benefícios da “Caixa”, como veremos, e reveladores de percursos sociais e escolares tortuosos, sofridos e, sobretudo, improváveis, mas marcados pelo trabalho.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A proposta de reconstrução de trajetórias e estratégias escolares se apoia regularmente em entrevistas em profundidade com os diferentes sujeitos sobre os quais os pesquisadores se interessam enquanto objeto de estudo, como fizeram os trabalhos enunciados na introdução deste estudo ou mesmo como fizeram Gorgulho e Moraes (2005). Estes autores estudaram a difusão da profissão docente ao longo de quatro gerações de uma família da cidade de Cristina, Minas Gerais, Brasil. Ou seja, o informante está no presente e nesse caso, trabalha-se com uma representação do passado, efetuada pelo depoente. Para este trabalho, especificamente, trilhamos o caminho inverso dos trabalhos

que vêm se ocupando com estudos dessa natureza, partimos da análise de um conjunto de documentos produzidos no passado, como principal fonte na reconstrução da trajetória em tela.

No que se refere às reconstruções de trajetórias e suas implicações, os pesquisadores se preocupam sobremaneira com as passagens, as interseções, as diferentes estações e ramificações que levam o sujeito a tomar destinos diferentes daqueles que ele estava destinado (ou predestinado) a seguir, como o próprio Raymundo bem ilustra: “E assim, observando-me, filho de um operário, julgava não poderia passar além. Diante desta situação, e encarando assim a vida, procurei ver se era possível mudar a direção”. É uma teia de ramificações que pode ressignificar o trajeto percorrido pelo sujeito e oferecer sentido à trajetória por ele trilhada (BOURDIEU, 1996).

No caso das trajetórias dos sujeitos provenientes das camadas populares, a chegada ao ensino superior em cursos socialmente valorizados é sempre improvável. Explicar essa improbabilidade é o trabalho do pesquisador, por exemplo, como fizeram Isambert-Jamati e Sirota (1989), com a trajetória escolar e social de Edmond Globot. Nesse caso, a farta documentação existente nos diferentes ramos da família facilitou sobremaneira a tarefa das pesquisadoras, além do fato da própria Isambert-Jamati ser neta do investigado.

Uma referência teórica importante utilizada por nós na reconstrução de processos históricos como o aqui proposto é Norbert Elias, pois este busca analisar os fenômenos sociais a partir das relações de interdependência. Dessa forma, procuramos utilizar a sociologia configuracional de Elias (1994a) para verificar o “caráter paradigmático” que determinadas trajetórias podem assumir na explicação de alguns fenômenos sociais. No nosso caso, o sucesso escolar improvável de determinado sujeito proveniente dos meios populares, as possibilidades instaladas de irradiação dos benefícios aí adquiridos a outros descendentes e em que lado da “Barreira” esses sujeitos se encontram.

Nesse sentido, a história de longa duração se revela um campo fértil para a comprovação de uma hipótese bastante cara à Sociologia da Educação. Esta afirma que a presença de um sujeito com curso superior transforma a família a qual pertence em uma família diferente daquelas provenientes do mesmo meio. Nesse sentido, Elias (2006) explica que os seres humanos singulares convivem uns com os outros em figurações determinadas e que estes

seres se transformam, transformando, também, as figurações que eles formam uns com os outros.

3. ANÁLISES DOS DADOS

Interessamo-nos pela história social e escolar de Raymundo Augusto da Silva Maia porque ela depõe contra os determinismos que grassavam no final do século XIX. Eram fundados no cientificismo, a respeito do destino social dos pobres, no que se refere à escola e à disposição para empreender movimentos que propiciassem um destino mais favorável aos mesmos, a exemplo dos destinos compreendidos pela burguesia (BOMENY, 2003). No caso de Raymundo existia uma determinação social, um veredicto, diante de sua pobreza e de suas capacidades cognitivas. Aliás, ele não era pobre, era “paupérrimo”, ele não era humilde, era “de origem humílima”, segundo os depoentes arrolados por ele na *Sindicância*. De acordo com o que se pode ler nesta última, um dos depoentes de Raymundo, o senhor Antônio de Paula Camara, afirma ao sindicante Hélio Vaz de Mello: “é um rapaz paupérrimo, muitíssimo esforçado mas pouco inteligente que a Caixa deve auxiliar o requerente, tendo em vista o seu esforço e a sua grande vontade de estudar e de ‘ser gente na vida’”⁸.

Podemos ver nessa pequena, mas ilustrativa manifestação, uma forma peculiar de se olhar para a pobreza e os movimentos produzidos por um pobre em busca de superação cultural. Existe nesta forma de olhar uma associação quase inevitável de que o acesso aos códigos da cultura escolar era coisa para gente “inteligente” e que o esforço, a vontade, como diria Bourdieu, não somente são desvalorizados pela escola, mas, também, pelos sujeitos sociais que mais dela se aproximam. Aqui, a inteligência assoma ser uma disposição hereditária, natural de determinadas classes sociais, neste caso, da burguesia. Vê-se, ainda, que a escola funcionava como instrumento de redenção do pobre, algo capaz de torná-lo “gente”, aproximá-lo destas classes mais privilegiadas cultural e economicamente. Não é sem razão que Elias (2006) mostra, em suas análises, que um ser humano que não teve acesso aos símbolos da língua e do conhecimento de determinado grupo humano – no caso analisado das classes privilegiadas – permanece fora de todas as figurações humanas, portanto não é visto propriamente como um ser humano pelos sujeitos que o cercam.

De volta ao texto, podemos afirmar que o depoimento do senhor Ca-

mara, ao mesmo tempo em que pesa a favor, pesa, também, contra a *démarche* de Raymundo, pois dá a entender que o rapaz é muito esforçado, mas pouco inteligente e que aplicar recursos escassos em um sujeito assim é um risco; o que pouco dirime as dúvidas do sindicante. Mas as visões sobre os pobres, ou sobre Raymundo, não eram monolíticas. Vejamos o que diz o outro depoente:

Conheço de longa data o requerente e posso informar ser verdadeiro tudo quanto alega. Trata-se de moço extremamente pobre, de origem humilíssima, trabalhador e dotado de grande fôrça de vontade. O auxilio que lhe prestar a Caixa “Edelweiss Barcellos” será útil e meritório. Sem esse auxilio, não poderá ir avante. Considero o caso de Raimundo Maia típico do esforço individual que reage contra toda espécie de circunstâncias desfavoráveis – meio, raça, físico, situação econômica, prejuízos sociais, etc. Ajudá-lo não será, pois, ato de caridade, mas de cooperação e interesse social. E terá ainda o efeito de estimular aos que, como ele, ocupam a camada mais ínfima e dela desejam elevar-se a um destino melhor. Para mim, não interessa saber se Raimundo tem uma grande inteligência (e nem se póde exigir isso de todo estudante pobre). Basta saber que ele tem inteligência suficiente para orientar a sua vontade num fim útil e fazer uma coisa que ninguém, que o conheceu em menino, o julgaria capaz de fazer: um curso superior.

Faço meu o pedido de auxilio.

Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 1934

Carlos Drummond de Andrade

Como já foi analisado por Portes (2005), o documento produzido por Carlos Drummond de Andrade surpreende por se contrapor à concepção, comum à época, de que apenas méritos individuais e incomuns ou capacidades intelectuais extraordinárias poderiam justificar tão grande ambição escolar por parte da população pobre. Contrapõe-se ainda à ideia de educação como um bem de luxo e não como direito social. Por outro lado, percebe-se em seu texto a transposição da questão da esfera do exclusivo atendimento individual para o plano da “cooperação e interesse social”. É preciso chamar ainda a atenção para a lucidez e sensibilidade do poeta. Percebe-se no seu relato uma posição político-social que se instalaria na UMG nesse período: o entendimento da necessidade social e política de se “assistir” o estudante pobre. O relato

de Drummond auxilia, ainda, na compreensão do destino social que estava reservado a Raymundo, a partir da sua origem e seu local de pertencimento, visto que sua atitude de fazer um curso superior soa, socialmente, estranha, improvável para todos aqueles que o conheceram “em menino”.

A trajetória social de Raymundo explica este estranhamento do poeta e de seus contemporâneos. É possível afirmar pelos dados apresentados a existência de um tremendo esforço de Raymundo para sobreviver, materialmente, desde tenra infância. Por mais que possamos acreditar, para não produzir anacronismos, que fosse normal, no período, as crianças se envolverem em trabalhos remunerados para contribuir para a manutenção do lar. Até os 29 anos, Raymundo experimentou vários “ofícios modestos” como alfaiate, seleiro, sapateiro, cangalheiro, padeiro, vendedor de jornais e revistas, copeiro, faxineiro e, mais tarde, quando fazia o colegial, “para sustentar lavagem de roupa, corte de cabelo dava aulas particulares a retardados pedagógicos do grupo chegando mais tarde a meninas da Escola Normal” e, por fim, em 4 de setembro de 1931, entra para a Chefia de Polícia como servente. Nesse sentido, Elias (1994b) nos mostra que as configurações são constituídas por uma ordem invisível e estabelecem uma forma de vida em comum, oferecem ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções ou modos de comportamento possíveis, ou seja, as redes de interdependência que constituem a figuração a qual pertence o indivíduo limitam, de certo modo, sua liberdade de ação e escolha.

Essa vida de trabalho “simples” produziu seus efeitos na formação escolar de Raymundo. Este afirma que concluiu o Grupo Escolar entre 1911 e 1914, isto é, as quatro primeiras séries do ensino primário, à época, com bons resultados e em idade regular. Isso nos permite aventar, como hipótese, que sua família vivia um melhor momento econômico do que aqueles que se seguiriam. Pois, após o término dos estudos no Grupo, Raymundo fica nove anos distante dos bancos escolares tentando “ganhar a vida”, como já mostramos. Só por volta de 1923, quando é convidado para ser copeiro no Ginásio Sul Americano de Itabira é que aventa a possibilidade de retomar os estudos nos tempos vagos que possuía em seu trabalho. Valendo-se de favores do proprietário, consegue entre 1926 e 1929 terminar o Ginásio: “Cursei [o Ginásio Sul Americano] desde o começo [fundado em 20 de janeiro de 1923], mas só pude fazer exames de 1925¹⁰ a 1929, passando sempre na 1ª época com algum sucesso”, para, em

1933, entrar no Curso de Direito da UMG. Em 1934, Raymundo está prestes a se matricular no segundo ano de Direito, mas se vê na iminência de perder a vaga, pois não tem como pagar a matrícula, fato que o leva até à Caixa, onde ele tem de fazer a *Sindicância* que nos permite, hoje, conhecer e dar a conhecer a sua história social e escolar.

Os dados dos arquivos da Faculdade de Direito da UFMG não só confirmam de que lado da barreira Raymundo ficou, mas auxilia em muito na compreensão de sua passagem pelo Ginásio Municipal Sul Americano.

Quadro 1 – Notas e Conceitos de Raymundo Augusto da Silva Maia no Ginásio Sul Americano de Itabira – 1926-1929

Exame	Nota	Aprovado	Ano
Desenho	6, 1/3	----	1926
Francês	5, 2/3	----	1926
Inglês	6	----	1926
Latim	5, 2/3	----	1926
História Universal	5	----	1926
Geografia e Cosmografia	5,5	Simplemente	1926
Aritmética	5,5	Simplemente	1926
Inglês	7	Plenamente	1927
Francês	5,16	Simplemente	1927
Português	6	Plenamente	1927
Latim	5	Simplemente	1927
Álgebra	4	Simplemente	1928
História Universal	4	Simplemente	1928
História do Brasil	5, 1/2	Simplemente	1928
Cosmografia	4	Simplemente	1928
Geometria e Trigonometria	6	Plenamente	1929
Física e Química	5	Simplemente	1929
História Natural	6	Plenamente	1929

Fonte: Envelope 2166 – Raymundo Augusto da Silva Maia, Faculdade de Direito da UFMG (PORTES; SOUSA, 2007).

Como pode ser visto, Raymundo era um aluno tido como “esforçado”, pois além de trabalhar no Ginásio, nas horas vagas procurou dar continuidade aos estudos interrompidos outrora pela falta de oportunidades e necessidades sociais. Sua entrada neste ginásio, como trabalhador, foi condição importante para sua reinserção em nova configuração, aparentemente perdida: a do universo escolar. Assim, o Ginásio assume lugar estratégico para a continuidade dos estudos de Raymundo, além de proporcionar a ele os conhecimentos que possibilitaram sua entrada na Faculdade de Direito.

Raymundo tinha consciência de que a longevidade escolar em seu meio era improvável e ilustra: “E assim, observando-me, filho de um operário, julgava não poderia passar além”. Mas demonstra, sobretudo, possuir e aplicar o “senso do jogo”, um conhecimento prático sobre como lidar com os constrangimentos e oportunidades associados à sua posição social (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004, p.54).

A produção escolar de Raymundo demonstra sua tentativa de conciliar o inconciliável: trabalho e estudos. Assim ele passa pelo Ginásio itabirano entre “simplesmente” e alguns vislumbres de sucesso visto nos poucos e esparsos “plenamente”. Os resultados obtidos no ano de 1927 demonstram ter sido este o seu melhor ano escolar.

No Envelope 2166, encontramos o requerimento de inscrição no exame do vestibular, com a data de 04 de fevereiro de 1932, dirigido ao diretor da Faculdade de Direito. O documento é escrito de próprio punho por Raymundo. Com a data de um ano depois, temos o certificado de aprovação no vestibular, no qual consta que Raymundo foi aprovado em 16 de fevereiro de 1933, com a nota “simplesmente”, “grau 4”. Para que a matrícula no 1º ano de Direito fosse efetuada o candidato apresentou atestado de “conduta moral” e atestado de saúde, afirmando que “não sofre de molestia infecto-contagiosa e já foi vacinado e revacinado”. Sabemos, hoje, algumas características pessoais de Raymundo importantes para o nosso estudo na configuração do sujeito. Quando ele apresenta o atestado de identidade emitido pela seção de identificação do Serviço

de Investigações do Estado de Minas Gerais, ele se reafirma como Raymundo, “funcionario publico” de cútis “mestiça” e “olhos castanhos”, apresentar-se de “bigodes feitos” e “barba raspada”, “medindo 1 metro e 52 centímetros” de altura.

Durante o 1º ano de Direito, Raymundo conseguiu fazer frente às suas necessidades pessoais e cumprir com os pagamentos exigidos pela UMG. Contudo, no ano seguinte, quando deveria efetivar o pagamento da matrícula para o 2º ano de Direito alega não dispor do recurso necessário, o que o leva a solicitar a ajuda da Caixa do Estudante Pobre “Edelweiss Barcellos” e passar pelo processo de *Sindicância*, o qual já mencionamos anteriormente. Na margem superior do requerimento desta matrícula encontra-se escrito de lápis vermelho (ou giz de cera): “caixa estudante”. O recibo de pagamento da matrícula do referente ano vem assinado por Manuel Terças, e não por Raymundo, como nos recibos anteriores. A partir de 27 de fevereiro de 1934, Raymundo começa a ser auxiliado pela Caixa do Estudante Pobre. Até a data de sua formatura o pagamento de taxas e matrículas a favor de Raymundo foi efetuado pela “Caixa” ou pela “Assistência”. Como pode ser comprovado pelos recibos e requerimentos escritos de próprio punho por Raymundo, encontrados no Envelope 2166, todos eles aparecerão com a margem superior marcada “caixa estudante” ou “assistência”. Senha, sempre escrita em vermelho para dizer que se tratava de estudante “pobre”, “necessitado”, ou “desprovido de fortuna”.

No período de estudos na UMG, Raymundo apresentou uma média geral igual a 6.46 pontos, o que nos permite observar que mesmo após sua entrada no curso superior ele continuou a ser um aluno “esforçado”. Além disso, não apresentou resultados acadêmicos vistosos, beirando perigosamente o limite, levando-o a conhecer o gosto amargo da reprovação e da humilhação, em algumas cadeiras¹¹, efetuadas com sucesso depois de uma “segunda época”. O quadro abaixo apresenta as notas obtidas por meio dos documentos.

Quadro 2 – Notas de Raymundo Augusto da Silva Maia no Curso de Direito da UMG entre - 1934 – 1937

Cadeiras	Grau	Ano	Em primeira época
Introdução a Ciência do Direito	5	1934	Sim
Economia Política	8	1934	Sim
Direito Penal	6	1935	Sim
Direito Civil	8	1935	Sim
Direito Pub. Constitucional	5	1935	Não
Direito Civil	7	1936	Sim
Direito Penal	7	1936	Sim
Direito Comercial	6	1936	Sim
Direito Pub. Internacional	5	1936	Não
Direito Civil	9	1937	Sim
Direito Jud. Civil	6	1937	Sim
Medicina Legal	7	1937	Sim
Direito Comercial	5	1937	Não
Média Geral	6.46		

Fonte: Envelope 2166 – Raymundo Augusto da Silva Maia, Faculdade de Direito da UFMG (PORTES; SOUSA, 2007).

Raymundo foi reprovado durante o curso em três cadeiras, passando nas mesmas somente em *segunda época* – como era denominado o novo exame na instituição. Contudo, concluiu o curso de Direito da UMG no período regulamentar de cinco anos, como pode ser visto no termo de colação de grau que data de 20 de novembro de 1937. Como acabamos de demonstrar, Raymundo ficou do lado bom da barreira.

Se os dados até o momento da conclusão do curso por Raymundo foram auspiciosos, permitindo uma reconstrução bastante detalhada das trajetórias e estratégias do pesquisado, considerando a sua origem social, as informações sobre a vida social e de trabalho do sujeito em questão foram

penosas, imprecisas, parcas e, quanto mais nos aproximávamos do presente, mais nos afastávamos do nosso investigado. Descobrimos aqui a trapaça que a hipótese nos pregou, nesse caso.

De volta ao primeiro parágrafo deste texto, para nós foi lamentável descobrir que Raymundo não deixou descendência, morreu solteiro. Não há nem registro de algum beneficiado de sua pensão como (modesto, importante?) funcionário público do Estado de Minas Gerais. Sabemos que Raymundo foi contribuinte do IPSEMG e que tinha registro na OAB. Descobrimos ainda o seu endereço residencial, cuja casa onde morou não existe mais. Deu lugar a um prédio de apartamentos e os vizinhos questionados nada sabem dele. A julgar pelas casas das cercanias, morava em uma residência simples, de um bairro considerado de operários, que sofreu transformações lentas com o tempo, trata-se do bairro “da Floresta”, em Belo Horizonte. Consta, ainda, uma nota de falecimento no Diário da Tarde (colocada por quem?): morreu “Raymundo Augusto da Silva Maia, 90 anos, de pneumonia bacteriana, no Hospital da Previdência. Natural de Itabira, residia em Belo Horizonte, à rua Salinas, era solteiro, filho de Romão Maia da Silva e Tereza Augusta da Silva Maia”. É o que se pode saber, até o momento.

A informação contida no obituário de Raymundo de que ele morreu solteiro e não deixou filho nos decepcionou. Nutríamos uma forte expectativa, produzida pelos documentos iniciais que tivemos acesso, que conseguiríamos discutir com base na empiria, fazendo o caminho de lá para cá, a hipótese por nós construída sobre os efeitos de irradiação de uma trajetória de longo curso efetuada por sujeitos das camadas populares. Essa parte do quebra-cabeça ainda nos falta. É por isso que dizemos que fomos trapaceados pela hipótese.

Realizamos o caminho inverso do normalmente trilhado por aqueles que se ocupam com a reconstrução de trajetórias, pois partimos de toda uma análise documental com o objetivo de demonstrar como a trajetória do sujeito proveniente dos meios populares se configura. Assim, reconstruímos a trajetória de um estudante de Direito, proveniente das camadas populares, que foi contra os determinismos de sua época e superou o destino que estava reservado a ele em função do pertencimento social. Nesse sentido, Elias (1994b), afirma que, por nascimento, o indivíduo está inserido em um complexo funcional de estrutura bem definida e que deve conformar-se e moldar-se de acordo com

ele. Dessa forma, até sua liberdade de escolha, entre as funções preexistentes, é bastante limitada, ou seja, depende do ponto em que ele nasce e cresce na teia humana, das funções e situação dos pais e em consonância com a escolaridade que recebe. É nesse sentido que consideramos as trajetórias escolares e sociais de Raymundo dentre outras trajetórias paradigmáticas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória social e escolar de Raymundo vem reafirmar e auxiliar na compreensão de um movimento hoje observado por pesquisadores que se ocupam com a escolarização dos jovens provenientes das camadas populares, como Portes (1993), Viana (1998) e Zago (2001). Tais autores observam que é constitutivo da trajetória escolar dos estudantes pobres o fato de se interromper a trajetória para trabalhar e voltar-se aos estudos diante das novas possibilidades sociais que se apresentam, não permitindo, assim, observar essas trajetórias como interrompidas e colocadas na vala comum daqueles que foram reprovados ou abandonaram a escola. Na verdade, podemos observar no caso de Raymundo que a escola sempre esteve no horizonte dele e que na primeira oportunidade real, ele reinicia os estudos e os leva adiante. O desejo de continuar os estudos, reprimido pelas necessidades materiais desfavoráveis à tarefa intelectual, reacende-se em uma categoria denominada “esforço”. Mas o esforço necessita de um espaço e amparo sociais para se expressar. E assim se expressa com a fundação do Ginásio Sul Americano de Itabira em 1923 diante da benevolência de seus fundadores para com um empregado ditoso.

Podemos observar, ainda, que o estudante pobre que frequentou curso superior no século XIX e início do século XX, como é o caso de Raymundo, foi sempre um estudante estrategista que potencializava as oportunidades de trabalho e de estudo na tentativa de conciliar o inconciliável. Mas, mesmo assim, este exercício deixou marcas sociais desabonadoras que permitiam a seus contemporâneos produzir uma representação sobre eles de estudantes “pouco inteligentes”, “esforçados” e “dedicados”, como mostramos.

Essa forma especular de olhar para Raymundo, ver nele um escolar ideal, produzida por seus contemporâneos, revela-nos o que se esperava do investigado e, por consequência, de suas atitudes e resultados escolares e acadêmicos os resultados de um filho da burguesia portador de uma trajetó-

ria escolar e acadêmica lineares, azeitadas pela posse de capital cultural. Ao mesmo tempo, essa forma especular de olhar o outro apagava os esforços de recuperação de um caminho aparentemente perdido e ignorava as vicissitudes do trabalho remunerado na vida daqueles provenientes dos meios populares. As nomeações de “aluno” ou “acadêmico” não são suficientes para igualar os sujeitos provenientes das camadas populares com aqueles que dominavam (e dominam) a cena escolar e para por fim a todo um processo de discriminação social vivido por estes sujeitos. A ultrapassagem da barreira não apaga as especificidades de suas trajetórias.

Estas marcas desabonadoras podiam ser construídas, também, a partir do contato de trabalhadores estudantes com os sujeitos sociais mais privilegiados, visto que aqueles eram mais marcados por serem trabalhadores do que estudantes, quando o trabalho consumia a maior parte do tempo, mas, poderiam ser percebidas, ainda, na forma de falar, de se vestir, de morar e de se relacionar com os diferentes sujeitos sociais.

Essas marcas poderiam ser produzidas, também, pelo material simbólico, como a escrita, por exemplo, deixada pelos sujeitos, como a que Raymundo nos legou. Uma análise estética, somente, tendo como elemento de análise a limpeza da escrita, não o seu conteúdo, do texto produzido pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, na sua informação que presta a “*Sindicância*”, mostra que ele utilizou vinte e cinco linhas escritas de próprio punho e não se observa a mínima rasura no texto, deixando-nos um texto claro e ultralimp, que pode revelar o esmero de uma formação cultural progressa (ou ele teria feito uma cópia e passado a limpo o texto escrito?).

No caso de Raymundo, qualquer que seja o texto observado na *Sindicância* e nos diversos requerimentos e ofícios contidos no Envelope 2166, sempre com algum tipo de rasura, contribui para formar a imagem de um sujeito hesitante, confuso, que oscila até ao grafar sua data de nascimento e deixa uma imagem borrada. Pode fazer crer que se trata de um sujeito que vem lutando constantemente em busca de uma superação cultural, e viu na “escolaridade longa uma forma de ficar do bom lado da barreira” que se erguia à sua frente (ISAMBERT-JAMATI; SIROTA, 1989, p.154). Ou ainda, por que Raymundo não fazia cópia de suas escritas, não as passava a limpo? Como no caso do preenchimento da *Sindicância*, teria ele preenchido o questionário ali, no calor

da hora, na frente do sindicante, sobre a pressão dos olhares?

Considerando, nesse caso, a dificuldade de termos acesso aos documentos produzidos no passado por sujeitos provenientes das camadas populares, sempre escassos, vagos e imprecisos, que contribuam efetivamente para reconstruções dessa natureza, os dados adquiridos na investigação permitiram uma reconstrução bastante significativa.

Os resultados aqui discutidos, a partir da inédita documentação, mesmo que não sejam inéditos, confirmam e contribuem para a compreensão e feitura de um painel, repleto de sentidos, sobre a escolarização de longo curso efetuada por sujeitos das camadas populares e dizem respeito: a) à não linearidade das trajetórias escolares dos sujeitos provenientes dos meios populares; b) à inserção precoce da criança proveniente dos meios populares no mundo do trabalho como virtude e como castigo; c) à conciliação necessária de trabalho e estudos; d) à necessidade de um sobre-esforço para viver a experiência escolar de longo curso e, por último, e) à ajuda e intervenção de terceiros no processo de facilitação e consecução de uma trajetória de longo curso.

NOTAS

1. O conteúdo do Envelope 2166 é composto de 62 documentos diversos. Eles foram fotografados com máquina digital 7.0 megapixels, sem utilização de flash. A resolução é completamente satisfatória aos nossos propósitos.
2. Se bem que nesse caso a desorganização do arquivo é que nos permite dizer que nossa busca foi infrutífera.
3. Vejamos: 1) No questionário da Sindicância, preenchido em 1934, ele afirma à página 3 que tem a idade de 29 anos. Portanto, ele teria nascido em 1905; 2) No requerimento de exame ao vestibular redigido em 4 de fevereiro de 1932 ele afirma que nasceu em 1º de setembro de 1901; 3) No Requerimento de matrícula efetuado em 1933 ele afirma ter nascido em 1º de setembro de 1903; 4) A nota de falecimento publicada no Diário da Tarde de quinta-feira, 2 de junho de 1988, diz que Raymundo faleceu com “90 anos”, portanto, só poderia ter ele nascido em 1898. O que sabemos, na verdade, é que não nos é possível, ainda, precisar tal data e que a imprecisão de tal dado nos documentos, como hipótese, pode conter fins estratégicos. Afinal, Raymundo era um sujeito destoante do conjunto de alunos que adentravam ao curso de Direito da Faculdade Livre de Direito da UMG, naquilo que se refere à origem social, à atividade ocupacional e à idade dos ingressantes. Para maiores detalhes, ver Portes (2001).
4. Ao ser questionado pelo sindicante a respeito de “Quantos irmãos se acham colocados”, Raymundo da a seguinte resposta: “Até agora só se acha um e o outro continua descolocado. Um se acha colocado nas Finanças no cargo de Servente, outro se acha trabalhar em construção em Nova Lima e finalmente a minha irmã, moça, solteira de que sou arrimo. Esta, para se vestir modestamente lava para fora e alguns vestidos mais simples costuma executar á mão, para economizar o preço do feitió”. Nas transcrições, estamos mantendo a escrita

como ela se apresenta no texto original, com as exigências da época, a não ser quando ela poderá tornar o texto ilegível para os dias de hoje. Nesses casos, efetuaremos as mudanças, mas avisaremos ao leitor. Documentos dos Arquivos do Departamento de Serviços Gerais da UFMG, Identificação: Caixa FUMP, s/d. SINDICÂNCIA Raymundo Augusto da Silva Maia, p.5.

5. 75 anos se passaram da data de preenchimento do documento do qual estamos extraindo os dados aqui divulgados, denominado “Sindicância” da Caixa do Estudante Pobre “Edelweiss Barcellos”. Acreditamos que podemos quebrar os segredos da “Caixa” ao divulgar os dados completos de Raymundo, o que para a “Caixa” era inadmissível: “Não se melindre com as exigências deste questionário. Ele servirá como prova da sua situação atual, bem como para o confronto com outros similares, quando o número de solicitações for superior ao das possibilidades da Caixa. Ele será mantido confidencialmente e debaixo de um sigilo absoluto, sob pena de trair aos fins a que se propõe a Caixa do Estudante Pobre Edelweiss Barcellos, é o que se pode ler no impresso ao final da página 5 do referido documento. É que, para aquele momento histórico era vergonhoso revelar-se pobre. A pobreza era um estigma. Para maiores detalhes, consultar Portes (2003).
6. O estabelecimento denominado “Grupo Escolar” é que se encarregava do ensino equivalente às Séries Iniciais e o Ginásio, das séries complementares do Ensino Fundamental e Médio, à época.
7. Sindicância..., Documentos dos Arquivos do Departamento..., p.6.8.
9. Sindicância..., Documentos dos Arquivos do Departamento..., p.2.
10. Sindicância..., p.3
11. Não encontramos nenhum documento referente ao ano de 1925, como mostra o Quadro 1, mais adiante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de. **A escola dos dirigentes paulistas**. Doutorado em Educação. Campinas, Universidade de Campinas, 1999.
- BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- D’ÁVILA, José Luis Piôto. Trajetória escolar: investimento familiar e determinação de classe. **Educação & Sociedade**, ano XIX, n. 62, p.31-63, abr. 1998.
- DE QUEIROZ, Jean Manuel. *La desorientation scolaire: sur le rapport social des familles populaires urbaines à la escolarisation*. Tese de doutorado, Université de Paris VIII, 1981.

ELIAS, Norbert. **Mozart. Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.

_____. **A sociedade da corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Escritos e ensaios 1. Estado, processo, opinião pública**. Organização e apresentação Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GORGULHO, Talita Maria Brandão; MORAIS, Christianni Cardoso. A difusão da profissão docente ao longo de gerações de uma família mineira da cidade de Cristina (1931-2004). IV Congresso de Produção Científica da UFSJ. **Anais...** São João del-Rei, 07 a 11 de novembro, 2005. CD-Rom.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa, Editorial Presença. 2 volumes, 1975.

ISAMBERT-JAMATI, Viviane; SIROTA, Régine. A barreira, sim, mas o nível? In: GOBLOT, Edmond. A barreira e o nível. **Retrato da burguesia francesa na passagem do século**. Campinas, São Paulo, Papyrus. Posfácio. p.122-164, 1989.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães. **Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos**. Doutorado em educação. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**. As razões do improvável. São Paulo, Ática, 1997.

_____. **Homem plural**. Os determinantes da ação. Petrópolis, Vozes, 2002.

LAURENS, Jean-Paul. *1 sur 500*. La reussite scolaire en milieu populaire. Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1992.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes;

AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MUZZETE, Luci Regina. **Trajatória social, dote escolar e mercado matrimonial**: um estudo de normalistas formadas em São Carlos nos anos 40. Doutorado em Educação. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Tendências atuais da Sociologia da Educação**. Leituras & Imagens. UDESC-FAED, Florianópolis, 1995.

_____. A construção da excelência escolar – Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, M. A; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Escola e família**. Vozes. Petrópolis, 2001.

_____. **Elites econômicas e escolarização**. Um estudo de trajetórias e estratégias escolares junto a um grupo de famílias de empresários de Minas Gerais. Tese de professor titular. Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2002.

_____; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

PIOTTO, Débora Cristina. **As exceções e suas regras**: estudantes das camadas populares em uma universidade pública. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PORTES, Écio Antônio. **Trajatórias e estratégias escolares do universitário das camadas populares**. Belo Horizonte, FAE/UFMG, Dissertação de Mestrado, 1993.

_____. Estratégias escolares do universitário das camadas populares: a insubordinação aos determinantes. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Orgs.). **Universidade, cultura e conhecimento**. A educação pesquisa a UFMG. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1998. p.251-277.

_____. O trabalho escolar das famílias populares. In:

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola**. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes, 2000. p.61-80.

_____. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG** – um estudo a partir de cinco casos. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2001.

_____. A caixa dos pobres – a ação efetiva da assistência na permanência de estudantes pobres na Universidade de Minas Gerais (UMG): 1932-1935. **Cadernos de História da Educação**, n.2, p.29-38, jan./dez. 2003. Uberlândia, Minas Gerais.

_____. O estudante pobre na Universidade Federal de Minas Gerais: uma abordagem histórica. **Educação em Revista**, v.41, p.111-133, 2005.

PORTES, Écio Antônio; CRUZ, Ricardo Alexandre da. Trajetórias e estratégias sociais e escolares do pardo José Rubino de Oliveira (1837-1891): da selaria em Sorocaba às arcadas jurídicas do Largo de São Francisco, São Paulo. In: PEREIRA, Lúcia Helena Pena; OLIVEIRA, Wanderley Cardoso (Orgs.). **Práticas educativas – discursos e produção de saberes**. Rio de Janeiro, E-papers, p.147-169, 2007.

ROMANELLI, Geraldo. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos – O estudante-trabalhador. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola**. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes, p.99-123, 2001.

SOUZA e SILVA, Jailson de. **Por que uns e não outros?** Caminhada de estudantes da Maré para a universidade. Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SOUZA, Maria Cecília C. C.. Ensinar a ler pode ser faca de dois gumes. São Paulo, metade do século XIX. 20a. Reunião Anual da ANPED. **Anais...** Caxambu, set. 1997.

TERRAIL, Jean Pierre. *Destins ouvriers: la fin d'une classe?* Paris, PUF, 1990.

VEIGA, Cyntia Greive. Pensando com Elias as relações entre Sociologia e História de Educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **Pensadores sociais e história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, p.139-166, 2005.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares**: algumas condições de possibilidade. Doutorado em Educação. Belo Horizonte. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola**. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes, p.45-60, 2001.

ZAGO, Nadir. Transformações Urbanas e dinâmicas escolares: uma relação de interdependência num bairro da periferia urbana. **Educação, Sociedade & Culturas**, n.7, 1997.

_____. Processos de escolarização nos meios populares. As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola**. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, Vozes, p.17-43, 2001.

_____. Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Sociologia da Educação**. Pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis, Vozes, 2007.

ZEROULOU, Zaihia. La réussite scolaire des enfants d'immigrés; l'apport d'une approche en termes de mobilisation. *Revue Française de Sociologie*, Paris, v.29, n.3, 1988.